

PALIMPSESTOS E SCROLLS: UMA POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE TEXTO E IMAGEM

Sebastião Pedrosa/ UFPE

RESUMO:

O artigo discute a relação entre texto escrito e imagem nos 'palimpsestos' produzidos pelo artista pesquisador. Inicia fazendo uma reflexão sobre os procedimentos e materiais que geraram os palimpsestos e pergaminhos na antiguidade, seguida da análise dos palimpsestos criados pelo autor, reafirmando o conceito Barthiano de matéria textual.

Palavras-chave: Escrita e imagem / Processo criativo.

ABSTRACT:

The article discusses the relationship between written text and image on the palimpsest created by the artist and researcher. It begins with an analyses upon the procedures and materials which generated the palimpsests and scrolls in the antiquity, followed by the analyses of the palimpsests created by the author, restating the Barthian concept of textual matter.

Key-words: Writing and image / Creative process.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa que venho desenvolvendo nos últimos três anos: 'a relação entre texto e imagem na arte contemporânea'; com ele busco atender à proposição temática do XIX Encontro Nacional da ANPAP: 'Entre Territórios, já que a pesquisa tangencia questões de lingüística, com o foco em artes visuais.

O título deste artigo se refere também ao título de uma exposição individual que ora se encontra em processo de finalização.

A relação entre texto e imagem em meu trabalho como artista se dá predominantemente pela via da experimentação com a visualidade e materialidade



da escrita, estruturando-se como fantasias oníricas, mais do que um debruçar-se sobre uma investigação conceitual na relação texto/ imagem.

Antes de deter-me na análise da produção dos *palimpsestos e pergaminhos* que desenvolvi neste último período, desde dezembro de 2009, tentarei situar na história como foram conceituados e utilizados tais materiais de escrita.

O material de escrita na antiguidade

O progresso do homem através dos vários séculos pode ser dividido em três etapas ou estágios dominantes de desenvolvimento: estágio da fala, do desenho e da impressão. Cada etapa se estendendo por períodos de centenas ou milhares de anos. No primeiro estágio, o da fala, o homem aprimorou um método positivo de comunicação oral pelo uso gutural de sons, que foram aos poucos se tornando inteligíveis na sua comunicação oral. Na segunda fase, a do desenho, o homem deu um passo maior, elevando a sua capacidade intelectual na criação de marcas incisas sobre superfícies rochosas. Mesmo o mais rude e destorcido desenho de representação de animais e o desenho embrionário de hieróglifos, signos ou símbolos exigiu do homem primitivo a habilidade necessária do gesto e da obtenção de recursos na invenção de instrumentos que possibilitassem a gravação de marcas nas paredes das cavernas. Assim surgiu o primeiro 'estilo' (stilus), ou estilete que permitia o registro sulcado na superfície rígida. Essa conquista impulsionou o homem a buscar, pouco a pouco outros materiais e métodos de executar a sua escrita. Materiais como pedra, lajotas de argila, madeira, cascas e folhas de árvores tornaram-se frequentes na conquista de suportes da escrita.

Um dos primeiros instrumentos que revolucionou a escrita e o desenho foi a invenção do pincel de pêlo de camelo, em 250 B.C pelo chinês Mêng T'ien. Com a continuação da prática da escrita sentia-se a grande lacuna de um material mais maleável e barato para a escrita e o desenho. O desenvolvimento da caligrafia pelos chineses e sua espontânea adoção ao pincel de pêlo de camelo e pigmentos fluidos impulsionou a exigência por uma superfície de escrita mais barata e versátil que qualquer outra utilizada até então. Dessa forma só em 105 B.C. o chinês Ts'ai Lun proclamou a sua inovadora invenção: a confecção de papel, a partir de fibras vegetais maceradas e moldadas sobre uma trama porosa, um processo que



permanece sendo utilizado semelhantemente até hoje, mesmo nas modernas fábricas automatizadas.

É difícil se admitir que a terceira etapa no desenvolvimento da civilização – o processo de impressão – tenha sido tão retardada, mesmo depois da invenção do papel. Apenas em 770 A.D. o primeiro texto impresso sobre papel foi finalmente realizado, antecedendo o primeiro e mais conhecido livro impresso em papel, a Bíblia de Gutenberg (1450-5) (1).

Antes da invenção do papel surgiu o papiro, produzido com fibras vegetais da planta que lhe deu o nome. As lascas do caule eram esmagadas e coladas transversalmente uma a outra, formando uma inteira folha fina e adaptável ao desenho e ao texto manuscrito, mas não considerado como verdadeiro papel.

Na investida ao longo dos séculos surgiram em diversas culturas e contextos geográficos processos e materiais na busca de otimização de suportes da escrita. As 'Tapas' das ilhas do sul do Pacífico (fig. 1) se aproximam ao processo usado na confecção do papiro. Tapa é um tecido feito de entrecascas de amoreira e fruta-pão, muito comum nas ilhas do Pacífico Sul, seja na Polinésia como na Melanésia, para fins utilitários como para fins cerimoniais. A decoração mais fregüente é o desenho geometrizado de peixes e plantas locais. Como na feitura do papiro a entrecasca é colocada de molho em água fria até amolecer; em seguida são socadas com uma marreta de madeira, tirando toda a água e expandindo a casca em largas tiras de aproximadamente 25 cm de largura; as tiras são sobrepostas ortogonalmente e coladas com solução de amido extraído de mandioca, fruta-pão ou araruta. O processo de impressão é feito pela costura de cascas de hibiscos e fibras de coco em folhas de 'pandanus', (planta nativa) como matrizes. Em um longo tronco de madeira a 'tapa' é esticada sobre uma série dessas matrizes e o desenho transferido pela esfregação de corantes, numa espécie de frotage. Finalmente, depois que a tapa seca um contorno escuro e detalhes são acrescidos manualmente com o uso de primitivos pincéis feitos de gravetos com uma das extremidades esfiapada. Uma variedade de plantas é usada para a extração de tinturas. O marrom, por exemplo, resulta da mistura de argila com resinas de alguma árvore.



Fig. 1 – Tecido *Tapa*. Tonga, Pacifico Sul, 1950. 30x 15 cm. Cada segmento. Tiras de amoreira; impresso à mão conforme o processo de frotage.

Na lista de materiais e superfícies alternativas que antecederam o uso do papel e eram usados para o registro de imagens e caligrafias vale relacionar os seguintes:

Pedra. É considerado o primeiro material sobre o qual caracteres e letras foram gravados para o registro de infinitos acontecimentos. Os egípcios gravavam suas façanhas em obeliscos de pedra. Entre os vários obeliscos retirados do Egito, temos o conhecido como 'Agulha de Cleópatra' erguido no Centra Park em Nova York desde 1880. Um outro importante e conhecido documento inscrito em superfície rochosa é a 'Pedra Rosetta' em basalto negro, encontrada em 1799 nas proximidades de Rosetta, no delta do Nilo. O texto é escrito em três distintas línguas: hieróglifos, caracteres desconhecidos e em grego, o que se tornou a chave fundamental para decifração dos hieróglifos pelo estudioso M. Champollion.

Tijolo. Também foi uma superfície usada na gravação de caracteres pelos Caldeus. Depois que tenha sido gravado cada individual caractere em lajotas de argila, certamente com um 'stilus' ou carimbo, a lajota era queimada como um tijolo e estaria pronta para ser passada de pessoa a pessoa, justamente como acontece hoje com os anúncios espalhados nas ruas, ou as cartas envidas pelo correio. Os blocos de argila ficaram conhecidos como 'tablete babilônicos'. Derivam destes o nome para os hodiernos tablóides que circulam nas cidades em todo planeta.



Metal (latão, cobre, bronze e chumbo). É possível que a civilização antiga não tenha feito uso desses metais como superfície da escrita. No entanto a história indica que folhas de chumbo e outros metais eram usados para preservar tratados, leis e alianças; na Bíblia (Livro de Jó, XI, 24) encontra-se uma referência ao uso do chumbo para preservar a escrita, possivelmente como uma urna, mas não como superfície escrita (2). Já o bronze foi usado pelos romanos. Soldados quando se encontravam em campos de batalha escreviam seus testamentos em fivelas de seus cintos ou bainhas de suas espadas.

Madeira. Gravura em blocos de madeira, antes mesmo de ser conhecido como xilogravura, é uma técnica para imprimir texto, imagens ou padrões decorativos usada largamente na Ásia, tendo se originado na antiguidade, na China como um método de impressão inicialmente em tecido e só mais tarde em papel. Como método de impressão em tecido, o mais antigo exemplo encontrado é proveniente da China com data de 220 A.D. No Egito, o mais antigo exemplo data do IV Século. O livro-tablete era usado como uma superfície de escrita portátil e re-utilizável na antiguidade e durante a Idade Média. Geralmente os blocos eram feitos de limoeiro, cobertos com finas camadas de cera, giz ou gesso e a escrita executada com um 'stilus' de metal. Com esta maneira de escrever, as letras poderiam ser apagadas, utilizando os blocos para outro texto; os blocos ou taboas individuais eram ligados um a outro com tiras de couro, compondo um livro chamado 'codex' (3).



Fig. 2 - O Codex Gigas — Séc. XIII



O 'Codex' oferece consideráveis vantagens práticas sobre qualquer outro formato de livro na antiguidade, por ser compacto, firme, de fácil referência e também pela economia. Diferentemente dos 'scrolls' ou 'pergaminhos', suas páginas eram escritas no verso e reverso. Embora a mudança do uso de scrolls para codex coincida com a mudança do uso do papiro para o pergaminho, como materiais preferidos de escrita, os dois materiais não têm conexão entre si. Apesar de tecnicamente qualquer moderno livro seja um codex, o termo é mais adequado para designar livros manuscritos, que foram produzidos a partir da época final da antiguidade entrando pela Idade Média.

Palimpsestos' e 'scrolls' como suportes de escrita

'Palimpsestos' e 'scrolls' são suportes de escritas usados nas primeiras tentativas do homem desenvolver uma forma de comunicação. Palimpsesto é um termo grego que designa 'riscar de novo'. Originalmente denominado 'códices rescripti' (códices reescritos), os palimpsestos eram superfícies com textos manuscritos, muitas vezes apagados e escritos novamente. Scroll é um termo inglês para significar rolo ou pergaminho. Ambos refletem a inexistência do papel como superfície para registro de imagens e idéias; daí a reutilização frequente dos pergaminhos na antiguidade, em que documentos eram literalmente apagados ou raspados da superfície para que outros 'escritos' fossem riscados de novo na mesma área. Os pergaminhos eram feitos com uma pele delicada de animais recém nascidos ou nati-mortos, quase sempre, ovelha, cordeiro ou bezerro. A parte granulosa, do lado da lã era evitada como superfície, preferindo-se o lado mais tenro (a parte interna). Quando a pele não se adequava às exigências da função era transformada em camurça. Alternativamente tem-se o velino que é feito de uma pele de bezerro preparada em solução de cal e polida com uma pedra-pome. Diferentemente do pergaminho é feito de toda pele (parte externa e parte interna). O nome pergaminho deriva de Pérgamo, antiga cidade de Misia, na Ásia Menor. Embora o pergaminho tenha sido usado tão remotamente quanto o ano 1500 B.C. a sua invenção é atribuída ao rei de Pergamo que viveu entre 197 a 159 B.C. O pergaminho veio rivalizar o papiro inventado pelos egípcios; por isto a lei egípcia proibiu qualquer tipo de exportação do papiro. Na atualidade, a prática de confecção de pergaminho ainda acontece e obedece a seguinte rotina: lavagem e esfregação com uma solução de cal, remoção dos pêlos, raspagem da pele com uma faca redonda e enxaguamento. Após essa operação a



pele é esticada em uma moldura de madeira para a continuação da raspagem e polimento com a pulverização de pó de giz e finíssima pedra- pome. Nem o pergaminho nem o velino podem ser considerados couro, pois não passam pelo processo de curtição. A forma de polimento com cal e pedra-pome deixa uma superfície que se aproxima à do papel. Entre os muitos manuscritos europeus executados pelos monges medievais é notória a diferença entre o lado externo e interno do pergaminho, sendo o lado interno mais esbranquiçado pela aplicação do giz e do polimento. Para amenizar essa diferença os monges escribas no momento de encadernar o livro posicionavam sempre a parte externa com a parte externa e a parte interna com a parte interna do pergaminho.

Mesmo com o advento da impressão na Europa, com os blocos de madeira e com os tipos móveis, o uso do pergaminho continuou. Até o momento que não se deu a invenção do papel pelos chineses e difusão desse material no ocidente, o pergaminho foi altamente utilizado na confecção de documentos e livros, sobretudo nos mosteiros medievais da Europa. Atualmente, no ocidente como no oriente, o pergaminho é utilizado para a confecção de diplomas universitários, títulos e letras do Tesouro Nacional por ser considerado um material difícil de ser falsificado, sobretudo pelas nuances naturais que lhe são próprias e pela sua grande durabilidade.



Fig. 3 - Palimpsesto de Archimedes – Séc. X

O Palimpsesto de Arquimedes (fig.3) é um dos mais conhecidos exemplos desse tipo de documento. Originalmente apresentava um texto de 170 páginas em grego da obra 'O *Método*' de Arquimedes, antigo matemático e físico natural de Siracusa



(4). Como é próprio dos palimpsestos, os escritos de Arquimedes foram apagados e superpostos com textos religiosos como salmos e orações. Foi encontrado entre antigos manuscritos bizantinos do Séc. X. Provavelmente é o mais antigo e mais autêntica cópia do maior trabalho de Arquimedes, contendo seus escritos sobre geometria e física.

Se na antiguidade a reutilização do suporte da escrita se justificava pela raridade e dificuldade de materiais adequados, hoje a tecnologia permite a abundância de alternativas e possibilidades diversas de uso de superfícies. A utilização de palimpsestos na prática do artista contemporâneo se dá por motivos completamente antagônicos à sua prática original. Poder-se-ia justificar a sua utilização, por exemplo, pela preservação de produtos naturais como a celulose extraída das árvores, ou pela não poluição do meio ambiente, mas o motivo mais evidente que certos artistas fazem uso de palimpsestos hoje é certamente o apelo estético que tal material proporciona. Por outro lado, é característica de nosso tempo ter-se a apreensão e leitura do mundo de forma não linear, mas rizomática, buscando-se a interconexão de diversos conjuntos de informação. Neste sentido, por associação de idéias palimpsesto hoje pode significar a obra que deriva de uma outra obra, seja por apropriação, por citação, transformação e recriação de um novo texto, ou nova obra. Em alguns contextos fala-se de hipertexto, um conceito contemporâneo que envolve o sistema de armazenamento de informações. Embora, segundo Chartier (2002) as primeiras manifestações hipertextuais acontecem nos séculos XVI e XVII através de manuscritos e 'marginália" (5). Os manuscritos eram submetidos a alterações quando transcritos pelos copistas, caracterizando dessa maneira uma espécie de escrita coletiva. O segundo tipo de texto a 'marginália' eram anotações realizadas pelos leitores nas margens das páginas dos livros, possibilitando uma leitura não linear do texto.

Texto e intertexto: a construção dos meus palimpsestos e scrolls

Considerando que palimpsesto é um acumulo de textos superpostos numa mesma superfície, coloco-me diante da série dos palimpsestos que desenvolvi entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010 e me pergunto: que tratam essas imagens? Deliberadamente quando as iniciei decidi que iria chamá-las de palimpsestos. Primeiramente porque a palavra se relaciona ao termo manuscrito. Depois porque o



material que me apropriei para produzir as imagens continha anotações, 'textos' manuscritos e realizados mecanicamente, marcas, gráficos, desenhos, que não seriam descartados, mas transformados pela superposição de outros textos com a preocupação de resultar em uma imagem plástica. Nesta situação o trabalho se insere no contexto da abstração, enquanto não representa objetos próprios da nossa realidade concreta exterior, mas faz uso das relações formais entre cores, linhas e superfícies na criação de imagens não representacionais.

Observando como se comportam esses elementos abstratos na série dos palimpsestos, podemos afirmar que a simetria é quase inexistente, mas há em geral, uma organização espacial que contempla o eixo de construção e enfatiza o equilíbrio entre o centro e os elementos que margeiam a composição, embora nunca com um centro vazio, mas semelhante ao que acontece em 'Ad marginem' de Paul Klee (6). Nos meus palimpsestos o círculo aparece em vinte e cinco trabalhos, seja como figura autônoma ou como moldura para focalizar um determinado elemento ou escrita, seja como delimitação de área, como signo ou metáfora a representação pictórica de uma paisagem. A ambigüidade de signos como o triângulo ladeado a uma seta é presente em três trabalhos, fazendo lembrar a representação gráfica da genitália masculina e feminina estampada muitas vezes em muros, por crianças. A flecha tão presente nas obras de Klee, é indicação de direção: para frente, para trás, para cima, para baixo, mas é interpretada como símbolo da penetração, da cobertura, que abre para fecundar, que conduz a luz, que ilumina o espaço flechado (7).Outro signo que reincide em pelo menos vinte trabalhos é a cruz, um dos símbolos humanos mais antigo e pleno de carga semântica; geralmente representa a divisão do mundo em quatro elementos, os pontos cardeais; é a união dos conceitos de divino no eixo vertical e de mundano na linha horizontal; a cruz é a base de todos os símbolos de orientação. A letra 'A' aparece em vinte e dois trabalhos; ponto inicial, de partida; princípio; primeira letra do alfabeto, mesmo para o alfabeto grego, que se inicia com a letra alfa. Assim o 'aleph', primeira letra do alfabeto tem a precedência no arranjo e combinação das demais letras. Na ordem numérica vale Um, a primeira letra do Deus Alá, a primeira letra do primeiro homem, na mitologia bíblica.

A série desses cinquenta e quatro palimpsestos trás no título o significado duplo que a palavra sugere: 'superfície com texto escrito de novo', isto é, superfície com



imagens realizadas com folhas avulsas onde já continham vários tipos de 'escrita' acrescida do processo de transformação da imagem a partir da superposição de outros 'escritos', em momentos diferentes.

Os textos originais que preenchiam a superfície do papel que utilizei são as páginas disjuntas de anotações de diversos momentos vividos no meu trabalho: esboços de reuniões, anotações de planejamento, listas de tarefas a serem executadas, desenhos mecânicos feitos em reuniões burocráticas, planejamento de alguma idéia criativa plástica a ser realizada. Nesse conjunto são re-utilizadas também cartas recebidas de pessoas diversas. Esse material bruto e original permanece incorporado na série, seja como suporte onde outros textos (impressões, desenhos, manuscritos, colagens, gestos gráficos, cores) são superpostos, seja pelo tamanho e formato com que se apresenta: toda a série é composta de pequenas colagens verticais medindo 29,0 X 21,0 cm. Como nos exemplos abaixo (*fig. 4*)







Fig. 4 - Sebastião Pedrosa - Palimpsestos, 2010 (29 X 21cm)

Na sua individualidade os palimpsestos se apresentam como imagens para serem vistas na intimidade, isto é, na proximidade do espectador, em conjunção mão/olho, como quem toma um livro para ler. Porém, se forem exibidos em conjunto, a impressão que causam é de uma relação com a arte da grafitagem, de alguém que teve a experiência de 'pichar' muros. Embora, a escala adotada logo anula essa impressão para se pensar na arte da iluminura, um termo aplicado às letras capitulares que iniciam os capítulos dos chamados 'códices' ou pergaminhos medievais.

O material usado incorpora o conceito de palimpsesto também pela anulação e superposição de textos utilizados; às vezes de fragmentos de textos legíveis, mas



obliterados pela superposição de texturas, tramas, cores ou outro elemento da linguagem visual. Às vezes pela superposição do gesto gráfico que anula o texto precedente, tornando-se área para a inscrição de um outro fragmento de texto.

Quando me refiro ao uso e manipulação de texto, quero significar o 'texto' tomado no sentido ampliado como matéria textual que pode se referir ao gesto gráfico ou à escrita tomada no conceito de Roland Barthes enguanto afirma que

A escrita é, em primeiro lugar, o resultado material de um gesto físico que consiste em traçar, regularmente, signos, seja usando a mão, seja de forma mecânica; é, a seguir, em tipo de comunicação de valores complexos que afetam o conteúdo e a forma estética daquilo que foi escrito, situando-se, assim, perto do estilo.(6)

No construir a série desses palimpsestos um conjunto de elementos se interconectam entre si e em cada objeto ou colagem, formando o que poderíamos chamar de 'estilo' próprio ou um conjunto de características de elementos e motivos que compõem cada imagem. Assim, nos meus palimpsestos está em evidência uma 'escrita' como inscrição do signo, registro de uma memória, vestígio de qualquer coisa, ou seja, uma escrita como 'scriptio' e não como literatura, como afirma Barthes. Ao incorporar signos gráficos nesses palimpsestos a hierarquia entre imagem e escrita é anulada e prevalece um exercício intertextual em que a incorporação de signos, letras, ideogramas parecem reafirmar a visualidade da escrita e negar a tendência ocidental em estabelecer a diferença entre representação plástica e referência lingüística.

Tanto os palimpsestos como os scrolls produzidos neste período (Dezembro, 2009 – Março 2010) são compostos ao mesmo tempo com elementos abstratos da linguagem visual, como pontos, grades, hachuras, linhas paralelas, manchas de cor, e elementos da escrita, como letras do alfabeto latino, como a letra "A" que aparece em vinte trabalhos, algarismos, letras do alfabeto oriental e marcas de um alfabeto inventado. Portanto a qualidade de escritura permeia todo o trabalho.

Nesse construir imagens tenho consciência da presença de um considerável número de artistas na atualidade que opera através da desconstrução de textos, criando intertextos como uma característica visível de uma poética visual. Neste sentido a submissão entre texto escrito e imagem é rompida, surgindo palimpsestos que se situam entre dois territórios: o da leitura visual de imagens sob vários pontos de vista



como o da semiótica ou da sintaxe ou mesmo da grafia gestual, como gênese da escrita.

- 1. Para maiores leituras desta matéria, ver HUNTER, Dard. Papermaking; the history and technique of an ancient craft. New York: Dover Publications, 1974.
- 2. O Livro de Jó apresenta o seguinte texto:

"Quem me dera que as minhas razões fossem escritas? Quem me dera que se imprimissem em um livro, com ponteiro de ferro, ou em lâmina de chumbo, ou com cinzel se gravassem em pederneira? (Jó, XIX, 24-24).

- 3. Codex Giga ou Biblia do Diabo é um manuscrito em pergaminho criado no início do Século XIII, escrito em latim. Foi considerado em sua época como a "oitava maravilha do mundo" devido ao seu impressionante tamanho (92 x 50,5 x 22 cm), com 624 páginas, pesando 75 kg.lmagem acessível em: www.taringa.net/posts/info/2407123/La-Biblia
- 4. O Palimpsesto de Arquimedes, datado do Século X é resultado da cópia dos textos originais de Arquimedes por um escriba de Constantinopla, hoje conhecida como Istambul.Duzentos anos depois, durante a quarta cruzada, Constantinopla foi invadida e saqueada. O papel era escasso na época e o manuscrito de Arquimedes foi transformado num livro de orações, o Euchologion. Para isso, a encadernação inicial foi destruída, o texto original raspado das folhas de pergaminho, estas rodadas 90° e reescritas
- 5. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.
- 6. HAFTMANN, Werner. The mind and work of Paul Klee. London: Faber and Faber, S/D. Para verificar a pintura de Klee "Ad Marginem" acesse: http://www.abcgallery.com/K/klee/klee19.html
- Ver CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio Editora
- 8. BARTHES, Roland, MAURIÈS, Patrick. Escrita. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 11, Oral/Escrito, Argumentação. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1987.p. 146.

Sebastião Pedrosa

Arte educador e artista plástico, com título de doutor obtido em 1993 pela University of Central England in Birmingham, na Inglaterra. Lecionou no Departamento de Arte e Comunicação da UFPB no período de 1978 a 1985. Desde 1985 leciona no Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da UFPE. Tem colaborado com a educação continuada de professores de arte vinculados à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Tem se dedicado à produção de arte e à pesquisa na área de arte-educação e processos criativos em arte. É membro sócio da ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Tem participado de várias exposições de arte no Brasil e na Europa.